

JOSE DA

SILVEIRA

LOPES

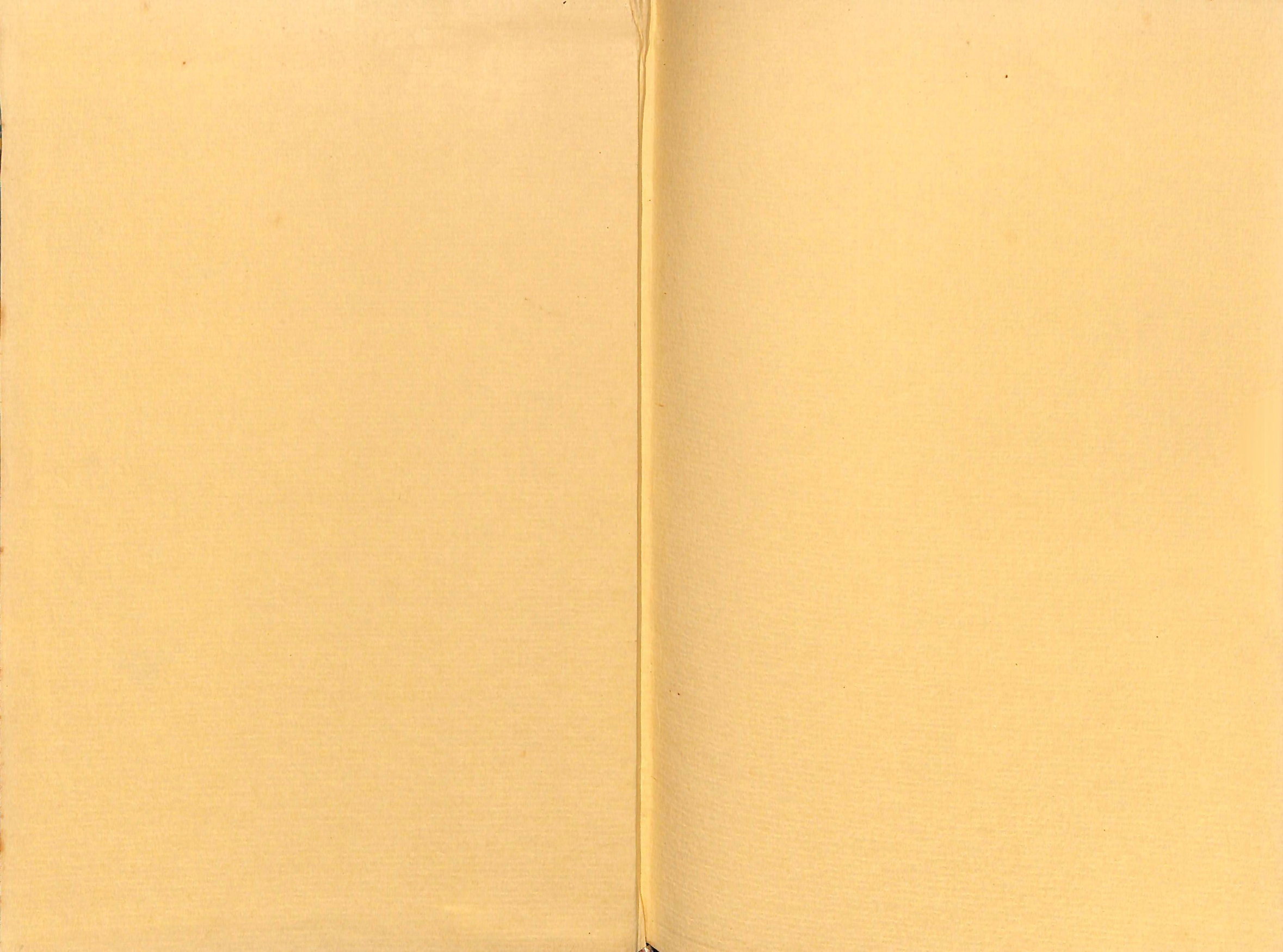
—

SETE

DE

SETEMBRO





**SETE DE SETEMBRO**

**DRAMA EM 2 ACTOS**

POR

**VALENTIM JOSE DA SILVEIRA LOPES.**

REPRESENTADO PELA PRIMEIRA VEZ NO THEATRO DO  
GYMNASIO DRAMATICO DO RIO DE JANEIRO  
NO DIA 7 DE SETEMBRO DE 1861.



**RIO DE JANEIRO.**

TYPOGRAPHIA E LIVRARIA DE B. X. PINTO DE SOUSA,  
Rua dos Ciganos ns. 43 e 45.

**1861.**

SETE DE SETEMBRO

DRAMA EM 5 ACTOS

VALENTIM JOSE DE SAUTIERA LOPES

REPRESENTADO NA THEATRO DE S. CARLOS  
EM 7 DE SETEMBRO DE 1801



ORIGINAL DE GUE

ESTABELECIDO E IMPRESSO NA OFFICINA DE S. CARLOS DE S. CARLOS

NA RUA DO THEATRO N.º 11 E 12

1801

SETE DE SETEMBRO

DRAMA EM 5 ACTOS

VALENTIM JOSE DE SAUTIERA LOPES

SETE DE SETEMBRO.

# SETE DE SETEMBRO

DRAMA EM 2 ACTOS

POR

VALENTIM JOSE DA SILVEIRA LOPES.

REPRESENTADO PELA PRIMEIRA VEZ NO THEATRO DO GYMNASIO DRAMATICO DO RIO DE JANEIRO NO DIA 7 DE SETEMBRO DE 1861.



RIO DE JANEIRO.

TYPOGRAPHIA E LIVRARIA DE B. X. PINTO DE SOUSA,

Rua dos Ciganos ns. 43 e 45.

1861.

Ao Illm. Sr.

**DR. JOSÉ MARIA VELHO DA SILVA,**

DIGNISSIMO CAVALLEIRO DAS ORDENS DE CHRISTO E DA ROSA, MUITO  
DISTINCTO MEDICO EM MACAHE, VERDADEIRO AMIGO E  
PRESADOR DA LITTERATURA PORTUGUEZA.

**EM TESTEMUNHO DE AMISADE**

o. d. o.

O AUTOR.

Meu bom amigo.

Permitti que vos offereça este trabalho de algumas horas, como signal de amizade e reconhecimento pelo muito que vos devo, já de favores, já de conselhos e lições, que são os bens que só a verdadeira amizade sabe dar.

Sois um digno filho do vosso paiz, um optimo sabedor de lettras e sciencias, por isso sabereis desculpar o pouco valor da minha offerta, para só attentar no muito que ella significa pelo que em seu fundo revella de bons desejos por esta terra a que tanto devo já de amor e sympathia.

O meu SETE DE SETEMBRO teve o seu Ypiranga em Macahé, lugar onde sois respectado e bemquisto, como é de justiça; não podia pois melhor ninguem ahi merecer-m'ó. Só vós, que sabeis apreciar um sentimento nascido d'alma, sois digno de me deffender esta pobre flôr desabroxada talvez em dia de poesia, mas n'um torrão ingrato e desabrido, como é esse onde ás vezes, não raras,



nos ferem as aspirações de homem de  
letras.

Não tenho eu, comtudo, a vaidade de  
suppor a minha pequena flôr egual á violeta  
occulta durante um anno, e só denunciada  
ao publico, pelo cuidado d'um amigo (\*);  
mas modesta, como é, pede-vos amparo,  
certa de que lh'o dareis, no vosso nome de  
poeta, e de amigo da humanidade.

Fio que a minha pobre flôr silvestre ha  
de ser acolhida pelo escriptor distincto  
como um presente do amigo

constante

V. J. DA SILVEIRA LOPES.

Rio de Janeiro, 29 de Outubro de 1861.

(\*) O Sr. José Lino d'Almeida, bello talento, com cuja amisade muito me  
honro.

## PERSONAGENS.

RAYMUNDO, lavrador . . . . .	60 annos.
JACINTHO, rico fazendeiro. . . . .	50 »
CARLOS, filho de Raymundo . . . . .	25 »
ARTHUR, filho de Jacintho . . . . .	22 »
REINALDO, escrivão. . . . .	40 »
MARIA, filha adoptiva de Raymundo. . . . .	18 »
Rosa, escrava preta . . . . .	
Dous officiaes de justiça . . . . .	

Época actual.— A scena passa-se nos sertões da provincia do Rio de  
Janeiro.

nos ferem as aspirações de homem de  
letras.

Não tenho eu, comtudo, a vaidade de  
suppor a minha pequena flôr equal á violeta  
occulta durante um anno, e só denunciada  
ao publico, pelo cuidado d'um amigo (\*);  
mas modesta, como é, pede-vos amparo,  
certa de que lh'o dareis, no vosso nome de  
poeta, e de amigo da humanidade.

Fio que a minha pobre flôr silvestre ha  
de ser acolhida pelo escriptor distincto  
como um presente do amigo

constante

V. J. DA SILVEIRA LOPES.

Rio de Janeiro, 29 de Outubro de 1861.

(\*) O Sr. José Lino d'Almeida, bello talento, com cuja amisade muito me  
houro.

## PERSONAGENS.

RAYMUNDO, lavrador . . . . .	60 annos.
JACINTHO, rico fazendeiro. . . . .	50 »
CARLOS, filho de Raymundo . . . . .	25 »
ARTHUR, filho de Jacintho . . . . .	22 »
REINALDO, escrivão. . . . .	40 »
MARIA, filha adoptiva de Raymundo. . . . .	18 »
ROSA, escrava preta . . . . .	
Dous officiaes de justiça . . . . .	

Época actual.— A scena passa-se nos sertões da provincia do Rio de  
Janeiro.

# SETE DE SETEMBRO

DRAMA EM DOUS ACTOS.

---

## ACTO I.

**Sala pobre em casa de Raymundo ; janella á direita ; uma porta ao fundo, e outra á esquerda ; uma meza de costura á esquerda ; ao fundo uma outra janella ; cadeiras. — Pendurada ao pé da janella uma espingarda de caça ; ao fundo, fóra da porta, uma pedra de amolar.**

### SCENA I.

RAYMUNDO E MARIA.

RAYMUNDO (*pegando na espingarda.*)

Ha mais de um mez que não mecho nesta espingarda.  
(*Experimentando os feixos.*)

MARIA (*correndo.*)

Vae á caça, meu pae ?

RAYMUNDO.

Talvez. Disserão-me que as marrecas estavam ahí ; se o tempo me deixar, irei fazer uma visita ao brejo.

MARIA.

São máos divertimentos. Issó cança-o e...

RAYMUNDO.

E.... o que ?

MARIA.

Na sua idade, com um sol tão ardente, andar metido n'agua....

RAYMUNDO.

Dize lá o que quizeres ; és uma tola : bem sabes tu o que me faz bem ou mal ?! Estou costumado com isto... não tenho que estranhar. (*Chegando-se*) Você sim, que nunca sahio do baso caseiro ; mas eu ?! (*Indo á janella.*) Quem derrubou alli aquelle matto ?! quem plantou aquelle cafezal ?! quem *furou* acolá por aquella grotta ?!

MARIA.

Foi Vm.<sup>co</sup>

RAYMUNDO (*crusando os braços.*)

Ah ! então o velho póde trabalhar como um negro,

e não póde ir uma vez, se quer, ás marrecas ?! E' o pago que vocês dão sempre.

MARIA.

Perdôe, meu pae, mas é Vm.<sup>co</sup> mesmo que nunca me quiz deixar trabalhar na *roça*. Eu tenho bons braços e...

RAYMUNDO.

Tu, trabalhares na *roça* ?! Não, jámais o quiz, e agora mesmo, que eu pouco posso, inda o não quero... (*Com meiguice*) Tu foste sempre um *beijú*, tão delicada que mal poderias supportar a rudeza de taes trabalhos. Não é brincadeira puxar todo um dia pelo rabo de uma enxada ou de uma fouce.

MARIA.

E Carlos, coitado ! não trabalha todo o dia ? (*Indo á janella.*) Olhe lá anda elle por este sol...

RAYMUNDO.

Está *quebrando* aquelle milho. Carlos é um bom rapaz. (*Sentando-se.*) Inda mal que o não posso ajudar.

MARIA.

Porque ? não lhe devemos tudo, meu pae ?!

RAYMUNDO.

Tu ?! Coitadinha, que me deves tu ?!

MARIA.

O seu abrigo, a sua amisade, e depois...

RAYMUNDO.

A minha amisade ! ? Sim, isso é alguma coisa, e isso tens tu ; mas o abrigo !... de que serve o abrigo do pobre velho ! que em sua juventude nunca conheceu, ou antes nunca quiz trilhar esses caminhos que vão dar á prosperidade ? ! Sabes que os meus unicos bens são este pequeno *sítio*, e alguns animaes. — Podia ter escravos ! sim, podia ter uma grande fazenda e muitas leguas de mattos sem serventia, porém o velho Raymundo pensou sempre de modo avesso a isso. Ah ! conheço que não nasci para este mundo.

MARIA

Porque, meu pae ?

RAYMUNDO.

Porque nunca fui ambicioso !... nunca pretendi fazer a minha casa á custa do suor alheio ; chamão-me tolo, chamão, sim, porque eu bem sei que todos pensão de um modo differente ; mas pelo menos senão tenho riquezas para deixar a meu filho e fazer-te feliz, tenho a alma livre de remorsos. Foram só os meus braços que me deram estes bens. Fui eu que derrubei ; eu que plantei ; eu finalmente que fiz tudo quanto vês, e já nada é meu, mas teu e de meu filho.

MARIA.

Tanto trabalho !...

RAYMUNDO.

Mereces muito mais, e Carlos é digno de ti.

MARIA.

Bemdigo os céos pela educação que de meu pae recebi, com tão honrados sentimentos, tão nobre desinteresse.

RAYMUNDO.

Graças a Deus, foste uma optima discipula.

MARIA.

Se eu houvesse nascido cercada de escravos, se houvesse aprendido a vêr na posse delles a unica felicidade da minha vida, talvez pensasse de outro modo.

RAYMUNDO.

E quem sabe onde tu nasceste ?

MARIA. (*abaixando a cabeça.*)

Quem sabe...mas para que recordar esse passado d'onde só tiro máo agouro ? A's vezes parece que o coração me quer denunciar uma grande desgraça !...

RAYMUNDO.

Que temes?! (*Levantando-se.*) Em breve terás um bom marido. Carlos é digno herdeiro dos sentimentos de seu pae; amigo do trabalho, probo, honesto. Tem sido bom filho e ha de ser por força um optimo marido, e um excellentê pai.

MARIA.

Comtudo... se o meu nascimento, até hoje mysterio, deixasse de o ser?... Se Maria, a pobre protegida de Raymundo, antes de chegar aos degrãos do altar, que vae dar-lhe uma familia, encontra-se um obstaculo?...

RAYMUNDO.

Um obstaculo?! Quem havia de oppôr-se a que tu, engeitada desde pequenina, desposasses o meu filho? Se descendes de pobres, eu e Carlos não queremos mais riquezas do que as tuas qualidades; se és filha de ricos, rico é tambem Carlos porque é honrado e trabalhador. Seu nome não corre parêlhas com os dos abastados herdeiros da provincia, mas que importa isso, se é tanto ou mais illustre! Ilustre sim, porque nem a enxada pôde empanar o brilho da nossa ascendencia, nem outro se avantaja a seu pae em honradez.

MARIA. (*receiosa.*)

Todavia....

RAYMUNDO.

Não, minha filha, não tens que temer! verdade é que até hoje inda não pode saber-se quem fossem teus paes, mas o desconhecido, a mãe, talvez, que veio depositar-te á porta do meu humilde *ranch*o, bem sabia que dentro habitava um homem de coração. Bem sabes tu tambem que desde logo foste a minha filha.

MARIA (*commovida.*)

Meu pae!...

RAYMUNDO.

Pae, sim, foram essas as primeiras palavras que teus pequeninos labios souberam pronunciar.

MARIA.

Tanta bondade....

RAYMUNDO.

Foram ellas a minha ventura. Eu tinha um filbo, sua mãe havia morrido, eramos sós no mundo. Longe da terra do meu berço, entranhado nestes mattos sem fim, precisava destas mãosinhas de anjo, para que viessem alisar as rugas das minhas faces e brunir-me os cabellos encanecidos ao sol ardente dos tropicos. Foi Deos que mandou baixasse sobre a *soleira* daquella porta o anjo da minha velhice. (*Feijando-a com ternura*)

SCENA II.

OS MESMOS E CARLOS.

CARLOS. *(chegando com o machado ás costas).*

Bons dias, meu pae ; bons dias, Maria *(Poisa o machado ao pé da porta)*. Custou, mas acabou-se, era um biquinho de serviço, que me estava dando pela barba. Mas vejo-os a modo tristes ?! Houve acaso alguma novidade ?

RAYMUNDO.

Não, meu filho, conversavamos a respeito de Maria e...

MARIA.

E de Carlos tambem...

CARLOS.

Ah ! intendo, a respeito do nosso casamento. Tomára já que meu pae determinasse esse dia.

RAYMUNDO.

Estás muito apressado.

CARLOS.

E' porque já a semana passada diziam lá embaixo no *corrego* grande, que nós nunca havíamos de casar e que...

RAYMUNDO.

Cale-se, senhor, O mundo póde dizer o que quizer. O tribunal do homem honrado é a sua consciencia, e não os juizos de vadios e...

CARLOS.

Mas, meu pae, porque não ha de V.m<sup>ce</sup> satisfazer os desejos de seu filho ?

RAYMUNDO.

Mais cedo do que pensas serás seu marido ; mas diz-me, *quebraste* o milho todo ?

CARLOS.

Sim, senhor, ficou já todo junto na *grotta* ao pé da *cacimba* ; agora, depois de almoço, hei de levar os burros, e traze-lo para o *paiol*. *(Olhando pela janella)*. Temo que a este sol succeda chuva, e então...

RAYMUNDO.

Tens razão, eu irei ajudar-te... Que mais tencionas fazer depois ?...

CARLOS.

Depois vou deitar aquella *ponta* de matto no chão, para quando fôr tempo *queimal-a* e *metter-lhe rama*.

RAYMUNDO.

Pensas acertado, o *mandiocal* vae ficando no fim ;

nunca se perde em ter *mantimentos*. Olha que é preciso ir plantando para os filhos... não achas que tenho razão, Maria?

MARIA.

Basta meu pae dizel-o.

CARLOS.

Maria disse não pesca nada, mas... vamos a saber... hoje nesta casa não se almoça?

MARIA.

Eu vou já arranjar tudo. (*Sae*).

### SCENA III.

#### RAYMUNDO E CARLOS.

RAYMUNDO.

E' um anjo esta Maria.

CARLOS.

Pois então enquanto se põe a meza irei fazendo este serviço. (*Vai ao fundo e fica amolando o machado e cantolando baixo de modo que não interrompa Raymundo.*)

RAYMUNDO (*sentando-se e á parte*).

Pobre Maria!... Que te anda o coração a adivinhar? Ah! eu não temo menos. Affecto serenidade que não tenho,

porque não posso ter certeza desses temores, que me fazem receiar perdê-la. Ah! mundo! mundo! quão diferente és do que devêras ser?! Ella, um coração de pomba, uma alma de seraphim, pobre orphã, e quem sabe se filha da depravação?! Mas, que importa o tronco se o fructo é bom?! Nos primeiros dias da infancia todos são anjos... só anjos quer Deos venham ao mundo, nem de outro modo poderiam partir de suas mãos divinas! Mas cresce o homem, e o anjo cãe do paraizo para que fôra creado, no inferno, que o demonio lhe cavou, e afunda-se, e afunda-se, que não ha mais vel-o surgir ao lume da redempção. Porque tenho eu este pensar de homem tão outro do que são todos?! E chamão-me philosopho!... E chamão-me tolo! É porque os não escuto, é porque havendo quebrado a espada nas dissensões politicas do meu paiz, me vim acoitar nesta Thebaida para só viver do meu braço, do meu suor!... Philosopho, sim, philosopho porque desprezo as vaidades do mundo! Louco! e muito louco!... porque só tenho o pão de cada dia!... Qual de nós irá mais errado? Eu, que faço consistir a minha ventura em ver meus filhos felizes por meio do trabalho; que lhes ensino ser elle a fonte de todo o nosso bem sobre a terra; eu, que vivo longe d'esse mar de ambições com que elles lutam; eu, que nunca achei quem me lançasse em rosto uma falta; ou elles que consomem seu tempo n'um ocio aborrido; que se afogam em pelagos de desejos nunca saciados; que tem de córar a cada momento se lhes resta pudor para tanto; que, se mettem a mão na consciencia, a retiram escaldando e requeimada de remorsos?!



CARLOS.

Está que se póde fazer a barba com elle!... Desaffo agora o mais valente *jequitibá* (1). Oh! ainda hoje heĩ de pregar com um no chão! Olhe, meu pae, vê V.m<sup>cc</sup> aquelle valente páo, que está alli no alto do *morro*?

RAYMUNDO.

Bem sei, é um famoso vinhatico.

CARLOS.

Isso mesmo, tinha vontade de o-deitar abaixo para fazer uma *canóa*.

RAYMUNDO.

Não, não *derrubes* aquelle páo.

CARLOS.

Mas se eu tenho necessidade delle.

RAYMUNDO.

Escolhe outro, aquelle vinhatico deve ser respeitado.

CARLOS.

Respeitado! Porque, meu pae?

RAYMUNDO.

Porque é o rei daquelle logar.

---

(1) Arvore de grande altura.

CARLOS

Porém, um rei que só assombra...

RAYMUNDO.

Dize antes, um rei sem vassallos.

CARLOS.

Não o-entendo, meu pae.

RAYMUNDO.

Não admira! Eu me explico. Outr'ora aquelle *morro* era coberto por uma frondosa matta, e por sobre tantas comas altivas, que o ferro deitou por terra, campeava a cabeça daquelle gigante. Minavam-lhe as raizes as aguas que mais longe vão cahir naquelle *cachoeiro* do norte; mas nem ellas, nem o fogo da *queimada* poderam com elle, e respeitaram-no, inda mesmo depois de jazerem por terra tantas companheiras altivas!...

CARLOS.

Porém, val elle mais que as outras arvores?

RAYMUNDO.

Altos destinos de Deos! Sem vassallos, porque o ferro e o fogo lh'os acabaram; sem throno, porque a torrente o-deixou como que suspenso sobre dous rochedos: inda vive!... É porque era rei. Rei que tinha sabido guardar

dos ardentes raios do sol todos os que viviam juntos, que tinha por seu contacto com as nuvens atrahido muitas vezes sobre elles o doce orvalho da manhã, as ferteis aguas do estio. Os inimigos respeitaram-no, o vinhatico ficou de pé; como queres tu ser mais cruel do que elles? Carlos, aquelle páo não póde servir para o teu intento, escolhe outro.

CARLOS.

Não sei porque pensa assim, meu pae! Essa historia não me parece dar áquella arvore um direito, que as outras não teem. Para que havemos de fazer essas distincções, se o proprio Deos as não fez, creando-as todas eguaes? Se um simples acaso avantajou aquella arvore em vegetação, havemos de respeitar esse acaso?!

RAYMUNDO.

Um acaso?! quem te disse que o-foi? Pódes tu penetrar na intenção daquelle que tudo move?!

CARLOS.

Não, meu pae, mas não creio ter sido intenção do creador eleva-la, e fazel-a triumphar sobre tantas outras. O mundo, e quanto nelle se contém, foi creado para o homem, por isso acima das arvores o homem, acima do homem só Deos!

RAYMUNDO.

Carlos, não gosto te ouvir fallar assim. E's joven, e

foste creado só comigo. Tens sempre gosado a liberdade de que és digno; mas desconheces o mundo, esse abysmo em que eu nasci, em que lidei, de que fugi. Escuta....

CARLOS.

Falle, meu pae, preciso ouvil-o.

RAYMUNDO.

A educação é uma segunda natureza. Tu foste sempre educado, não como homem, quero dizer, não como membro dessa sociedade humana que os homens constituem e a que chamam mundo; porém, como simples filho de Deos. Cultivei-te a intelligencia, senão com esses estudos ócos de significação, que lá fóra são mentiras e vaidades, com o fazer despertar em ti esse instincto elevado com que Deos dotou os seus entes racionaes, amor pela existencia nossa e do proximo, amor e adoração ao Creador universal.

CARLOS.

E não fui um bom discipulo?

RAYMUNDO.

Foste, sim, e isso me enche de felicidade. Deixa, porém, que o velho, nascido em outras regiões, embalado ao som de outros cantos, crescido á sombra de outras idéas, feito homem á vista de outros horisontes, exilado de um mundo tão outro do teu, deixa, sim, que elle possa inda

viver no seu passado; deixa que o veterano, vencido na batalha do progresso, conserve naquelle vinhatico o symbolo daquillo a que a fatalidade o-roubou. Tu verás no meu vinhatico um pão como qualquer outro, e eu quero ver nelle uma recordação. Conserva-o, e quando precisares cavar a minha sepultura, vai fazel-o á sua sombra.

CARLOS.

Meu pae!... se eu soubesse!... oh! o seu vinhatico será de hoje em diante o lenho da minha adoração.

#### SCENA IV.

OS DITOS E MARIA.

MARIA (*pondo os pratos em cima da meza.*)

Tenho-os feito esperar muito, não é assim?

RAYMUNDO.

Não, minha filha.... temos conversado bastante, e agora é tempo. Carlos, ajuda Maria.

CARLOS (*ajudando.*)

É tempo de almoçar, porque o trabalho está á minha espera.

MARIA.

Pois venham.

RAYMUNDO.

Depois iremos buscar o milho, não é assim, Carlos?  
(*Sentam-se todos á meza, Raymundo em frente e os dous dos lados.*)

MARIA.

Quer destas hervas, meu pae?

CARLOS (*servindo.*)

Com este bocadinho de *pipim* assado, que me parece excellente.

RAYMUNDO.

Quero tudo, que vocês quizerem. Quando entre os convivas reina a nossa harmonia e amizade, tudo é banquete...

MARIA.

Eu assim o julgo. Esta meza, e estes guisados, são os que mais me agradam.

CARLOS.

O mesmo digo eu.

RAYMUNDO.

A liberdade, meus filhos, do lar domestico, quando a elle presidem esses costumes patriarchaes, que, louvado Deos, inda não banimos do nosso, é que lhes faz dar esse realce sobre os lautos acepipes de estranhos. Deos queira

que assim pensem sempre, porque serão felizes, e muito mais inda, se, dando-lhes Deos uma progeñie digna de seus paes, a virem crescer e medrar em roda desta meza.

**SCENA V.**

OS DITOS, REINALDO E DOUS OFFICIAES.

REINALDO (*fóra*).

O' de casa!

CARLOS (*levantando-se*).

Quem será?

RAYMUNDO.

Manda entrar.

CARLOS.

São tres homens, que não conheço.

MARIA.

Que virão elles cá fazer?

REINALDO (*entrando*).

Parece-me que estou em casa do Sr. Raymundo...

RAYMUNDO.

Sim, senhor. Sou eu mesmo, e se antes de mais nada, vos quereis servir do nosso almoço...

REINALDO.

Obrigado, não me poderei demorar.

RAYMUNDO.

Então podeis fallar. Maria, chega uma cadeira a este senhor. (*Aos officiaes.*) Os senhores podem tambem sentar-se; onde ha pobreza, não ha ceremonias.

CARLOS (*á parte*).

Que quererão estes homens?

REINALDO.

E' sua filha, esta menina?

RAYMUNDO.

Quasi, porque desde o berço a adoptei por isso.

REINALDO.

Ah! não é sua filha?! Como veio então para o seu poder, devia ter sido trazida pela mãe, não é assim?

CARLOS.

Porque vos póde interessar isso, senhor?

REINALDO.

E' que a sua belleza, as suas delicadas maneiras....

RAYMUNDO.

Seja pelo que fôr, a verdade quer Deos que se diga nua e crua. Eu não sei faltar a ella.

REINALDO.

Interesso-me pela historia desta menina, conte-m'a, eu lh'o peço.

MARIA.

Meu pae!...

RAYMUNDO.

Descança, minha filha, este seahor não póde querer-te senão bem.

REINALDO.

Todo eu sou attenção.

CARLOS.

E ai do que lhe quizesse mal! bem sabe, meu pae, que ella em breve ha de ser minha esposa!

REINALDO (*á parte*).

Sua esposa?!

RAYMUNDO.

Não, filho, Maria é pobre! Maria não póde excitar a cubiça de ninguem! (*Para Reinaldo.*) Não o-conheço, senhor, mas prometti contar a historia desta creança, e é o que vou fazer.

REINALDO.

Diga, Sr. Raymundo, vejo que é um homem de bem.

RAYMUNDO.

Um dia, ao amanhecer, abrindo a porta da minha casa, achei junto della um cesto, e dentro pareceu-me ver um vulto como de uma creança, que brandamente respirava. Tiro o panno que o-cobria e vejo.... Oh! tereis adivinhado, sem duvida, que um anjo estava deitado nesse cesto, e que nelle dormia como se o fizesse no seio do seu Deos! E que esse anjo... era Maria. Tomei-a nos meus braços, e não sei como uma lagrima cahida de meus olhos a-foi acordar!... Um sorriso, como até então eu nunca tinha visto, descerrou-lhe os labios, vindo dizer-me, talvez, que se não achava contrariada por estar nos braços de um velho, que para ella sorria tambem. Mas quem era esta creança? quem a abandonou assim adormecida á porta de um velho pobre e retirado do mundo?... Nunca o-pude saber. Nunca o-saberei talvez....

MARIA.

Oh! antes se ignore sempre, se a revelação ha de ser a minha desgraça.

CARLOS.

Agora falle, senhor, que diz da historia de Maria?

REINALDO.

Que hei de eu dizer? nada. E' mais uma infeliz....

(*Para os officiaes.*) Senhores, tendes ouvido o facto narrado pela bocca do proprio, que se chamava seu pae; fazei o vosso dever. (*Os officiaes passam para o pé de Maria, Carlos repelle os officiaes.*)

CARLOS.

Querem-me roubar Maria ?!

RAYMUNDO.

Senhor, explicai-vos !...

MARIA.

Meu Deos, perdida !... Carlos !... (*Encostando a cabeça no hombro de Carlos.*)

REINALDO.

Não sou eu, senhores, é a lei ! Como servo della, que sou, vim aqui, sabe Deos quanto me custa o desempenho desta commissão !...

MARIA.

A lei !... A justiça, meu pae !... que querem de mim ?

REINALDO.

Fu me explico: Maria foi posta á vossa porta por uma escrava !...

CARLOS.

E depois ?...

REINALDO.

Desde então o senhor dessa escrava procura esta creança. Finalmente descobriu-se por denuncia que parava aqui.... por isso....

RAYMUNDO.

Mas que pertende della, senhor ?

REINALDO.

Restituil-a. Vejam o mandado do juiz. (*Dando-lhe um papel.*)

CARLOS.

Não, senhor ; Maria é minha esposa ! seu pae adoptivo já me deu sua mão....

REINALDO.

A lei é inexoravel.... sou obrigado.... e depois....

MARIA.

Depois....

REINALDO.

Maria não póde ser vossa esposa. (*A Carlos.*)

MARIA.

Ah !... (*Cae desfallecida na cadeira.*)

RAYMUNDO.

Santo Deos! Acaso Maria....

REINALDO.

E' filha de uma escrava! é escrava tambem!...

RAYMUNDO E CARLOS.

Escrava!... *(Ficam como loucos. Os officiaes aproximam-se de Maria.)*

FIM DO PRIMEIRO ACTO.

## ACTO II.

**Casa de Jacintho. Sala da roça. Porta ao fundo e lateraes. Sofá com alguns jornaes e livros em cima. Aparador com moringas, etc.**

### SCENA I.

JACINTHO (só.)

JACINTHO *(saíndo da direita com um copo que tem uma bebida esbranquiçada.)*

Ainda hoje me parece um sonho ter achado aquella rapariga, depois de perdida ha dezoito annos! *(Pondo o copo sobre o aparador.)* Oh! quizera tel-a encontrado menos bella, menos mulher do que a-achei!... *(Olhando para dentro do quarto, E.)* parece desçançar!... não oiço, nem sequer, respirar!... *(Voltando.)* Coitada, vinha como morta!... quem me déra que voltasse a si! — E chamam-me deshumano! e julgam talvez que sou um coração de pedra! Enganam-se; hoje quasi me arrependo dos passos que dei para havel-a — Se não fosse aquella denuncia... a desgraçada seria feliz!... Malvado delator, que me fizeste cumplice do teu erro! — Mas Deos sabe que não sou cruel. Hei de tratá-la sempre bem. Indaguemos como ella passou a noite. *(Assobia para dentro.)*

SCENA II.

O DITO E ROSA.

ROSA.

Meu senhor! (*Sae do quarto da E.*)

JACINTHO.

Como passou a doente?

ROSA.

Está *assim mesmo*, sim, senhor.

JACINTHO.

Disse alguma cousa?

ROSA.

Pedio agua muitas vezes, e pede que a deixem só.

JACINTHO.

Não chamou por ninguem?

ROSA.

Tem estado sempre a sonhar e a fallar muito.

JACINTHO (*para si.*)

E' a febre. (*Alto.*) Mas que dizia?

ROSA.

Chamava pelo pae, e . . .

JACINTHO.

Quem mais?

ROSA.

Pelo seu Carlos, sim, senhor.

JACINTHO.

Bem; vai para ao pé della, se peiorar chama-me, se pedir agua, dá-lhe da que está naquelle copo. (*Apontando para o copo.*) Não a deixes só, ouvieste?

ROSA (*tomando o copo.*)

Sim, meu senhor. (*Sae.*)

SCENA III.

JACINTHO (*só.*)

JACINTHO.

A febre inda a não deixou conhecer onde está, nem qual é seu novo estado! Ai della, quando acordar! . . . Ai della, sim, que do céu onde era livre, se achará sepultada no inferno da escravidão! (*Commovido.*) Maldita fortuna! que para se conservar nos faz ter corações de bronze! ou pelo menos, aparental-o! Malditas riquezas, em que só contamos por cabedaes miserias da humanidade! Rique-



zas!... e chamam riqueza uma cousa que o homem, se um dia se lembrar que é homem, tem de esbanjar deitando pela porta fóra! Não, chamem-lhe tudo, menos isso! (*Pausa.*) Eu não tenho um peito de féra; eu tambem sou homem, mas desde menino que me fizeram ver nestes miseraveis o meu patrimonio; desde a mocidade que me ensinaram a zelar nelles a minha propriedade! — Hoje, libertar a todos, fóra eu constituir-me captivo da miseria! Estou velho, o que tenho é de meu filho, não posso desherdal-o. Se elle, que já nasceu n'outra época, que tem diante dos olhos outro horisonte mais vasto e mais promettedor do que eu tive, quizer obrar de outro modo, póde fazel-o. Quanto a mim terei inda coração para chorar as desgraças dos que, como essa pobre *rapariga*, são captivos, mas olhos não, que a sociedade m'ó prohibiria com um sorriso de escarneo! Oh! se lá na minha ultima velhice eu podesse gosar do aspecto que deve offerecer um paiz todo livre! se ao menos com os pés já dentro da sepultura podessem écoar a meus ouvidos os gritos do regosijo de todos que nasceram sob o bello sol da minha patria, por Deos creada para bemaventurados, quão resignado não sentiria eu cahir sobre ella a pedra da eternidade!

#### SCENA IV.

O DITO, MARIA E ROSA.

MARIA (*dentro.*)

Deixem-me! deixem-me! (*Entrando.*) Aonde estou?! Quem me trouxe para aqui? (*Correndo para Jacintho que*

*está inquieto.*) Quem sois vós, senhor?! Dizei-me, quem me trouxe para esta casa? (*Procurando em roda.*) Aonde está meu pae?! Onde se escondeu o meu Carlos?!

JACINTHO (*á parte.*)

E' a febre que a devora.

MARIA.

Não respondeis?! Elle não quer responder-me! oh! dize-me tu, onde está o meu pae? onde ficou o meu Carlos?... (*Rosa faz signal de quem não sabe.*)

JACINTHO (*para Rosa.*)

Leva-a para o seu quarto.

MARIA.

Manda-me sahir! e não me dizem onde eslou, nem onde eslão os meus. Senhor! não se zomba assim de uma mulher da minha idade!... Ah! sim! foi um homem que esteve em casa de meu pae! que pediu para ouvir a minha historia!... depois... depois mandou-me agarrar por deus homens e eu... eu... (*Querendo recordar-se.*) Não me lembra mais nada!... oh! minha cabeça. (*Apertando a cabeça com as mãos.*)

JACINTHO.

Maria, o teu destino mudou, resigna-te á sorte e socega. Eu hei de tratar-te sempre bem, vai... vai... não cuides que sou um barbare como muitos senhores.

MARIA.

Senhor... Dissestes senhor?! Eu vossa escrava?!  
(Como horrorisada.) Ah!

JACINTHO.

Sim, és minha captiva, mas, repito, saberei tratar-te  
como...

MARIA (*deixando cair os braços com as mãos  
crusadas.*)

Escrava! (*Mudando de tom.*) E eram estes aquelles meus  
presentimentos de tanta amargura, sempre que ouvia  
pronunciar a fatal palavra — escrava! Ah! e foi para isto  
que o pobre velho Raymundo me estremeceu sempre com  
tanto amor de pae! e foi para isto que... Meu Deos! Car-  
los!... já não serei, oh! jámais serei a tua esposa!  
(*Pausa, ajoelha, a orchestra toca em surdina enquanto  
Maria falla.*) Meu Deos! reivindicai a que ha muito era  
tambem vossa escrava!... Vossa, sim, porque aquelle  
honrado velho e seu filho me haviam ensinado que ereis  
vós meu unico senhor! Hoje que um homem, não digo bem,  
hoje que o mundo me lança os ferros, que do ventre de  
minha mãe herdei, meu Deos, illuminai o espirito desse ho-  
mem, desmascarai a moral desse mundo, para que me-  
caiba tambem um lugar entre os vossos filhos. (*Pára a  
musica.*)

JACINTHO (*tem fallado baixo com Rosa.*)

Deos meu!... que scena esta! Ah! não posso mais  
ouvir-a. (*Sae.*)

SCENA V.

MARIA E ROSA.

ROSA.

Venha, Maria, venha deitar-se, precisa socegar.

MARIA.

Sim, dizes bem, preciso socegar. O coração parece  
querer romper-me o peito. Siinto a cabeça estalar, ah!  
minha casa! minha familia!...

ROSA.

Coitada! era muito feliz, não era?!

MARIA.

Se era!... oh! nem m'ò perguntas mais! Tomára eu  
esquecer aquella minha vida de hontem. (*Para Rosa.*) Sa-  
bes-tu o que é ter um pae, estar prestes a receber por  
esposo o companheiro da infancia? Ter uma casa que é  
nossa... um presente de venturas, um futuro de doiradas  
illusões?!

ROSA.

A pobre captiva não sabe nada.

MARIA.

Ah! tu não sabes nada! tu não perdeste nada! tu não  
és tão infeliz como eu!

ROSA.

Socegai, o senhor é muito bom, e não vos ha de tratar mal.

MARIA (*como acordando de um sonho.*)

Vês tu. (*Marcando a scena do 1.º acto.*) Ali, estava a sua cadeira.... ali, estava a minha meza de costura.... ali, estava a meza de jantar.... No meio sentava-se elle, ao lado.... eu e o meu Carlos.... Eu estava sempre ao pé delles ambos, e agora? oh! escalda-me o sangue.... (*Sentando-se.*) Dá-me agua.... (*Rosa da-l'ha por uma das mo-ringas.*)

ROSA.

Bebei, e vinde descansar.... precisaes dormir....

MARIA.

Sim, vamos, minha companheira de infortunio. (*Dá a mão a Rosa e saem.*)

## SCENA VI.

JACINTHO (*só.*)

JACINTHO (*atravessando a scena alegre.*)

André! Rosa! (*Chamando para dentro.*) Corram já lá abaixo ao portão, que vem ahí o senhor moço. (*Rosa atravessa a scena subindo pelo F.*) No fim de seis annos de

ausencia eil-o que volta á casa paterna. Ah! felizmente, vou ter nelle o arrimo da minha velhice. Tudo isto é seu. Daqui por diante será elle o dono desta casa. (*Alegre, corre á porta do F.*)

## SCENA VII.

O DITO E ARTHUR.

ARTHUR (*lançando-se nos braços de Jacintho.*)

Meu pae! Deite-me a sua benção! ah! quanto me tardava este momento e quantas vezes julguei que o não go-saria mais na minha vida!

JACINTHO.

Arthur, eu te abenção, e dou graças a Deos por te haver restituído aos braços de teu pae, tão bom filho como sempre lhe roguei te fizesse, e com a riqueza, que é verdadeira e immorredoura neste mundo—o saber.

ARTHUR.

Sim, meu pae. O meu coração é inda o mesmo do pe-  
queno Arthur que desta casa sabio em busca de uma posi-  
ção; e essa, graças á vossa generosidade e ao talento com  
que Deos me dotou, hei-a conquistado com tanta mais  
honra, meu pae, que os pergaminhos a que a sciencia me  
deu jus não poderam inda alterar em nada as minhas in-  
clinações. Nasci filho do honrado homem do povo, homem  
do povo me conservo ainda e conservarei sempre.

JACINTHO (*sentando-se e fazendo signal a Arthur para o mesmo.*)

Não cuides que eu por ser velho, que por haver sido creado com idéas mui differentes daquellas que hoje reinam, não sinto inda no coração um verdadeiro orgulho ouvindo-te essas palavras! Meu Arthur, tu que foste beber a sciencia em regiões tão outras do teu paiz, e que lá podeste estudar os homens e as nações; tu que foste respirar na atmosfera dos povos livres as lições do direito, é que com os pulmões repletos podes fallar assim aos teus irmãos.

ARTHUR (*levantando-se.*)

Eu o farei, meu pae, e animado pelo vosso santo entusiasmo, terei tambem orgulho em mostrar que o vosso filho, abaixo de Deos e de vós, só ama a patria e o bem estar de seus irmãos.

JACINTHO.

Abraça-me, meu filho. (*Abraçam-se.*) Fazes as delicias da minha velhice.

### SCENA VIII.

OS DITOS, ROSA, CARLOS E RAYMUNDO.

CARLOS (*dentro.*)

Dize que lhe queremos fallar.

ROSA (*entrando.*)

São dous homens, que procuram meu senhor.

JACINTHO.

Não de ser elles! (*Alto.*) Dize-lhes que entrem. (*Rosa sae, Carlos e Raymundo entram.*)

CARLOS (*entrando, e virando-se para a porta.*)

Entre, meu pae (*Aparte.*) E mandam-me que não falle! ouvirei só, é preciso resignar-me. (*Raymundo enfraquecido desce a scena lentamente, Carlos acompanha ao lado.*)

JACINTHO.

Chegue-se para aqui, senhor; ha de vir fatigado.

RAYMUNDO.

O padecimento do espirito não me deixa sentir o cansaço do corpo.

JACINTHO.

Veio achar-me muito alegre!... acaba de chegar meu filho, que estava na Europa. Hoje é doutor em direito, e em breve será o dono desta casa. Eu já estou cansado de trabalhar.

RAYMUNDO (*contemplando Arthur.*)

Pois eu, senhor, pelo contrario, estou muito angustiado,

porque perdi a filha que esperava me cerrasse os olhos na hora extrema.

ARTHUR.

Morreu-lhe uma filha?

RAYMUNDO.

Perguntaes-me se morreu?! não senhor, antes ella tivesse morrido.

ARTHUR.

Já sei, pobre velho, já sei a desgraça de que vos lastimaes; e dizeis bem; quando um pae cria uma filha com carinho e a vê transviar-se da vereda da honra.... (*Raymundo levanta-se arrebatadamente, Carlos que julgava ir ouvir outra cousa avança para elle.*)

CARLOS.

Silencio, senhor! que não sabeis o que ides dizer. (*Jacinho levanta-se, Arthur fica admirado.*) Maria é um anjo, seu nome, se quer, não póde ser profanado.

ARTHUR.

Perdão, senhores! eu julguei.... oh!.... não pude entender...

RAYMUNDO.

Não entendestes, não mancebo, por que faço justiça á vossa intelligencia e á vossa mocidade. Eu é que entendo

tudo. Eu é que sei traduzir tudo, porque ha sessenta annos que peregrino neste mundo de devassidões, e de maldade!... Nesse vosso rosto estão inda impressas as côres com que a innocencia costuma florescer. Oh! não permitta Deos que ellas sejam jámais crestadas pelo bafo pestilento dessa sociedade decapitada, em que eu nasci, e que vae passando e ha de passar de todo, querendo Deos! Sim, eu tinha uma filha, que havia agazalhado no meu seio, como anjo enviado por Deos para adoçar minha velhice. Dantes todos os dias a tomava no meu collo, hoje sentava-me eu todos os dias ao pé della, e se eu ria.... se o bom Deos dava um momento de alegria ao meu coração, é porque ella me animava a isso; e se chorava, as lagrimas estancavam-se logo, porque ella com um dos seus beijos m'as sorvia todas!... E agora, bem vêdes.... já não rio... e as lagrimas, oh! as lagrimas nunca mais se hão de seccar nos meus olhos!

CARLOS.

Senhores, havia promettido guardar silencio, mas não posso.

ARTHUR.

Falle, senhor.

CARLOS.

Meu pae e eu somos pobres, mas vivemos sempre ricos de consolações. No momento em que a desarresoada mão da justiça, ousou arrebatat Maria daquelle ninho de amor, conseguio-o, porque nelle não havia mais que muita paz e

muita amizade. Fu, este velho, e Maria eramos o modelo das familias patriarchaes, de que meu pae nos fazia a miudo narraçãõ em suas leituras de domingo.

ARTHUR.

Então Maria era...

CARLOS.

Ia ser minha esposa. Eu amava-a, e amo-a ainda com todo o ardor de uma paixão. Quiz o tufão arrancarm'a dos braços e levou-a... levou-a porque eramos pobres...

ARTHUR.

Deos meu, não posso comprehendêr-vos..

CARLOS.

Hoje quero vel-a, preciso tornar a vel-a. (*Chamando.*)  
Maria!

### SCENA IX.

OS DITOS MARIA E ROSA.

MARIA (*correndo desgrenhada e pallida.*)

Carlos!... meu pae!...

CARLOS.

Como ella tem soffrido!... como está pallida!

RAYMUNDO.

Socega, minha filha, socega... Deos é pae de mizericordia!

MARIA.

Minha filha!... ainda me chama sua filha!... E mereço este nome?... a desgraça da minha condiçãõ inda não imprimio neste rosto a nodoa da infamia?! (*Arredando os cabellos dos olhos.*) Ah! e eu que a julgava já indelevel!

ARTHUR (*à parte.*)

Que mysterio envolve isto tudo!

CARLOS.

Maria, e a mim... não me abraças!?

JACINTHO (*à parte.*)

E meu filho que ignora tudo!

MARIA (*vae para lançar-se nos braços de Carlos e recua.*)

Carlos, já não posso ser tua esposa. (*Como louca.*) Allí, aquelle homem! (*apontando para Jacintho.*) disse-me tudo! Ah! que não sabes o fel que as suas revelações me vieram internar no coração!... Mas estou resignada! Ha muito que no intimo d'alma me pesava toda a hediondez daquella sentença! O mundo já me não póde olhar senão com desprezo!

CARLOS (*nobre.*)

Não, Maria, o mundo não pôde ter desprezos para a filha daquelle velho venerando... para a irmã... para a mulher do homem do trabalho... e se os tiver... esses desprezos, desprezo-os eu, porque partem de um foco de corrupção. (*Pausa.*) Que te importa a ti o mundo... que me importa o mundo a mim? Descubro o meu peito (*abrindo a camisa deixa ver o peito nu*) está crestado, é verdade, pelos ardores do sol do meu paiz, mas não tem uma só mancha que estampe nelle a ignomínia!... E da tua frente, Maria, quem se atreveria a arrancar essa tão gentil corôa de donzella?!

MARIA.

Esqueces o meu estado! Já me não pertenco a mim... ah! que sorte a minha!...

ARTHUR.

Senhores, ha em tudo isto um mysterio que me afflige... (*Para Carlos.*) Dever-me-ha ser sempre occulta a causa de vosso soffrimento?

CARLOS.

Prouvera a Deos, que ella fosse sempre um segredo para todos, mas é impossivel.

JACINTHO.

Senhores, sou eu quem conhece as vossas maguas e quem lastima tambem como vós a sorte dessa pobre ra-

pariga, mas que quereis? assim está constituida a nossa sociedade; e depois... eu ignorava que ella era tão feliz, e se hoje é captiva sabeis que...

RAYMUNDO.

Que pôde deixar de o ser, querendo vós.

CARLOS.

Sim, podeis e deveis, porque a sociedade a isso vos autorisa tambem, dar-lhe sua antiga felicidade... Ouvi: hontem não tinhamos mais do que o pobre torrão, onde, á custa de muito suor, buscavamos o sustento de todos os dias; hoje o valor desse torrão está nesta carteira. (*Pucha a carteira.*) Eil-o. (*Para Jacintho.*) Não é elle o resgate de Maria, não senhor, que uma alma como a sua não se vende, nem eu vinha comprar a espesa; mas é tudo quanto podemos arranjar. (*Jacintho vacilla, Arthur presta muita attenção ás palavras de Carlos, Raymundo socegado.*) Guarde-o senhor. (*Estende-lhe a mão com um sorriso amargo.*) Calae com ella a bocca ao mundo, e em troca dae-me a liberdade desta mulher. (*Momento de silencio, Arthur colloca-se entre Jacintho e Carlos, e repelle a carteira com dignidade, exclamando.*)

ARTHUR.

Meu Deos! e é depois de tantos annos de ausencia que volto á patria para ter de córar ao ouvir fallar assim um filho do meu paiz!... (*Silencio, ouvem-se dentro muito ao longe tiros de artilheria.*) Ouvis?... E' o canhão annunciando-

do o nosso maior dia de festa nacional.... Ouvís?... são os ácos da guerra apregoando a paz dos Brasileiros!... Ouvís? são votos de irmãos pela liberdade da patria a que todos nós pertencemos! E ousaes vir baratear a liberdade, a vida, a honra de uma filha e de uma irmã ao som daquellas salvas!! Não; meu pae pôde ter sido fascinado por essas vozes, que a ambição propala, pôde mesmo dar o passo por satisfação alheia, mas é christão, é brasileiro: sabe como eu que a liberdade humana não se pôde mercadejar. Guardae esse dinheiro, voltae ao vosso sitio! levae vossa mulher. *(Tomando a mão de Maria para dar a Carlos.)* Antes de partir, porém, deixae a meu pae a felicidade de ser vosso padrinho.

MARIA.

Deos meu, será possível!...

JACINTHO *(abraçando Arthur.)*

Encheis-me de santa edificação, meu filho. Eu te agradeço o bem que me fizeste.

RAYMUNDO *(tremendo de alegria.)*

E o pae!... que vos não agradecerá o pae?! *(Lançando-se nos braços de Arthur.)*

CARLOS *(em grande agitação conduzindo Maria pela mão ao meio da scena de modo que lhe fique Arthur á E.)*

Embargastes-me a voz no peito. Mas, Maria é tambem vossa afilhada, eu serei sempre o vosso amigo. *(Estenden-*

*do a mão a Arthur.)* Apertae esta mão, mancebo, é a mão do homem do trabalho, que se ufana de apertar a mão ao homem da sciencia. A sciencia e o trabalho unidos pela virtude, farão de hoje em diante uma sociedade para atear a iuveja de estranhos.

ARTHUR.

Felizes de nossos filhos se até ao ultimo marco da vida nos virem marchar sempre assim — unidos. — *(Ficam com as mãos dadas em signal de alliança; os tiros continuam até ao fim, devendo-se ouvir muito ao longe. Cae o panno. Assim que o panno começa a descer, a orchestra rompe com o hymno da Independencia, que fica tocando por algum tempo.)*

**FIM.**



## **Duas palavras á Companhia dramatica nacional.**

Antes de largar a penna com que ali deixei escripta a palavra FIM, cumpre-me dirigir-vos meus cordaes agradecimentos pelo modo porque soubestes comprehender, e pôr em scena o meu pobre SETE DE SETEMBRO.

O merecimento de artistas, que tão desajudadamente tendes conquistado, affiançavão-me o bellissimo desempenho dos caracteres que traçara no meu pequeno drama; vós, porém, fostes todos além da expectativa do autor, que teme sempre não ser adivinhado, na parte que deixa á arte do palco.

O velho RAYMUNDO (o Sr. Joaquim Augusto) foi o typo verdadeiro da minha concepção—honrado, amante estremo da familia, patriarcha da sociedade antiga; sua expressão, seu riso, suas lagrimas, tudo foi do homem que eu tinha sonhado.

MARIA (a Sra. D. Adelaide) surpreendeu-me, e deu tal realce ao meu ramalhetinho dramatico, que, esquecendo-me do papel de autor, mais d'uma vez ao ouvil-a me pareceu ser antes simples espectador, alheio ao que se estava representando! Tal foi o valor que pôde com seu talento dar ao pequeno papel que lhe destinei.

Finalmente, JACINTHO (o Sr. Pedro Joaquim) e CARLOS (o Sr. Paiva) e todos os outros papeis foram desempenhados por seus interpretores como elles o costumam, deixando-me claramente conhecer quanto avultavam seus desejos.

Escriptor novel no Theatro brasileiro, a mim mesmo me dou os parabens do como foi comprehendido e executado tão mesquinho trabalho, que deveu sem duvida os applausos do publico ao bom desempenho dos artistas, que promettem dar ao Brasil a arte dramatica com todo aquelle esplendor que ella tem adquirido nos paizes civilisados.

Fazemos votos porque seus esforços, em bem da arte e da litteratura, tenham o auxilio que só de cima póde vir, e ha de vir, querendo Deos.

O publico, que nem sempre é o mais justo, tem reconhecido a superioridade deste theatro; o mais virá com o tempo.

Rio de Janeiro, 13 de Novembro de 1861.

O AUTOR.

**LIVRARIA DE B. X. PINTO DE SOUSA,**  
**RUA DOS CIGANOS N. 43.**

**Peças de theatro.**

Agonia e conforto, drama.	2\$
Amador Bueno ou a fidelidade paulistana, drama.	2\$ e 3\$
Caixeiro da taverna, comedia.	600 e 1\$600
Catão, drama tragico.	2\$ e 3\$
Cavalleiro Teutonico ou a Freira de Mariemberg, tragedia.	2\$ e 3\$
Chale de cachemira verde, comedia.	1\$ e 2\$
Conjuração de Fiesco em Genova, tragedia.	2\$400
Corda sensivel, comedia.	1\$
Dous amores, drama lyrico.	1\$
Esposa d'alem tumulo, drama.	1\$
Estatua amazonica, comedia.	2\$ e 3\$
Fabia, tragedia heroe-comica.	500
Fallar verdade a mentir, comedia.	1\$200 e 2\$
Fechamento das portas, as casas de marmore, as portas de bronze, e os homens de ouro, farsa.	640
Gabriel e Lusbel (milagres de S. Antonio)mysterio.	1\$ e 2\$
Ghigi, drama.	1\$
Hollandez, ou pagar o mal que não fez, farsa.	600
Horacios e Curtiacios, tragedia lyrica.	800 e 1600
H contrabandiere, melodrama.	1\$500
Irmão das almas, comedia.	600 e 1\$600
Jogo do burro ou a febre das açções, comedia.	1\$ e 1\$500
Juiz de paz da Roça.	1\$ e 1\$600
Luiza e Marçal, drama.	500

Manoel Mendes, farsa.	500
Marido apoquentado, comedia.	640
Marilia de Itamaracá ou a donzella da Mangueira, drama tragico.	1.5600 e 2.5400
Monsieur e Madame Pipelet, dos mysterios de Paris, comedia.	500
Morte de Catimbáo, tragedia heróe-comica.	160
Noite do Castello, opera lyrica.	1.5
Notavel coincidencia ou a justiça divina, drama.	1.5 e 1.5600
Nova Castro, tragedia.	800
O senhor Papa susiapiros, scena comica.	500
Olgiato, tragedia.	1.5500 e 2.5300
Othelo ou o mouro de Veneza, tragedia.	1.5400 e 2.5400
Orestes, tragedia.	1.5600
Parentes desalmados, comedia.	1.5
Phenomeno ou o filho do mysterio, comedia.	640
Puritanos e os cavalleiros, opera lyrica.	500
Quem casa quer casa, proverbio.	600 e 1.5600
Quem porfia mata caça comedia.	1.5 e 2.5
Resumo de operas lyricas representadas nos theatros do Rio de Janeiro.	2.5
Saia balão, comedia.	600
Salteadores, drama.	1.5600 e 2.5400
Sete de setembro, drama.	1.5
São esses os mais felizes, comedia.	1.5 e 1.5600
Toureador ou o regresso da California, comedia.	600
Vietimas da usurpação ou a acclamação de D. João IV. drama.	1.5600 e 2.5400
Vida de uma actriz, drama, com o retrato da actriz D. Ludovina Soares da Costa.	3.5
Viuva das camelias, comedia, com o retrato da actriz D. Maria Velluti.	2.5



